

O olhar fotográfico do negro: atravessamentos raciais na produção de imagens¹

Alan Rodrigues Soares²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo

Este texto reflete sobre como a experiência negra influencia a forma como imagens são criadas e percebidas. Inspirado em Roland Barthes, propomos o conceito de *punctum negro* – um ponto emocional que toca mais profundamente quem compartilha a vivência da negritude. Para fotógrafos negros, a câmera pode funcionar como um espelho, revelando não só o que se vê, mas também sentimentos e histórias invisíveis. Assim, fotografar é mais do que registrar: é afirmar existência e subjetividade. Imagens de artistas como Gordon Parks, Carrie Mae Weems e Walter Firmo mostram como o olhar negro transforma o cotidiano em símbolo de identidade. A fotografia negra, portanto, vai além da estética: ela pode romper com o ideal de branquitude e oferecer caminhos de pertencimento e reconstrução do eu.

Palavra-chave: fotografia; negritude; comunicação.

Inspirado em *A Câmara Clara*, de Roland Barthes (1984), este texto propõe refletir sobre a produção e leitura de imagens atravessadas pela negritude. Não se trata de uma resposta crítica à obra original, mas de um aprofundamento a partir das noções de *studium* e *punctum*, incorporando marcadores raciais. Questionamos se imagens feitas por sujeitos negros carregam significados específicos, mesmo quando não representam explicitamente temas raciais. A resposta envolve compreender raça como construção social e a negritude como um atravessamento que marca subjetivamente o olhar de quem fotografa.

Segundo Barthes, a fotografia carrega três elementos: o *Operator* (fotógrafo), o *Spectrum* (objeto fotografado) e o *Spectator* (quem vê a imagem), normalmente dando maior destaque, em sua obra, para os dois últimos. Julgamos pertinente, no entanto, discutir com maior profundidade o papel do fotógrafo, e a presença do *punctum* não apenas na observação da fotografia pronta, mas no momento do ato fotográfico em si. O *punctum* – aquilo que fere ou toca – é subjetivo, mas defendemos que existe uma espécie de *punctum negro*, captado de modo particular por quem compartilha da vivência racial negra, reconhecendo uma conexão simbólica coletiva, análoga ao inconsciente coletivo de Jung, como aponta Fanon (2008) ao analisar a psiquê do negro.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS. E-mail: oalansoares@gmail.com

A imagem fotográfica, para além do contexto cultural (*studium*), pode carregar sentidos invisíveis do inconsciente. Gordon Parks e Carrie Mae Weems, por exemplo, oferecem imagens em que o olhar negro do fotógrafo estabelece uma ponte simbólica com espectadores negros. Esse vínculo não é captado da mesma forma por espectadores brancos, para quem certos significados permanecem apenas no campo racional. A imagem, nesse sentido, torna-se espelho: o fotógrafo negro se vê naquilo que registra, não como *outro*, mas como sujeito (Nogueira, 2021). Contudo, o olhar atravessado pela branquitude tende a objetificar corpos negros, mesmo inconscientemente (Lacerda e Soares, 2023).

A negação de si faz com que o negro sofra do “[...] medo permanente da perda da sua imagem, tal qual ele a mantém em sua representação imaginária: a de branco, mantida por um ideal de brancura” (Nogueira, 2021, p. 122). Fanon (2008, p. 133) também discute sobre a imagem do negro sobre si diante do branco: “O preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a irrealidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas”. Desde a infância até a vida adulta o negro vive um paradoxo identitário, ao mesmo tempo buscando o ideal do ego na branquitude e constantemente sendo reafirmado como negro (Souza, 2021).

Indo na contramão de Narciso – e do narcisismo branco (Bento, 2022) – o sujeito que sente vergonha de si evita a todo custo olhar ao espelho. Nele está contido tudo aquilo que não se quer ver. Assim como a imagem fotográfica mostra o *isso é* (Barthes, 1984), o espelho também o faz. Por isso, “[...] os negros buscam a ilusão dos espelhos que oferecem um reflexo branco” (Fanon, 2008, p. 15). Combater esse sentimento e toda a sorte de simbolismos atrelados a isso deve também ser um trabalho das próprias imagens – que se contraponham ao narcisismo branco, ou seja, que ofereçam reflexos negros identitários, e não como o *outro* (Carneiro, 2023). Walter Firmo, ao fotografar o cotidiano negro, nos mostra que essa positividade simbólica não depende de retratar alegria, mas de assumir o negro como sujeito pleno da imagem. O reflexo que a fotografia negra projeta – simbólico e coletivo – é o de um *eu* negado pela história, mas afirmado pela imagem. Assim, a fotografia torna-se ferramenta de reconstrução subjetiva, produzindo espelhos nos quais o negro pode, enfim, se reconhecer.

Referências

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

LACERDA, Rayane; SOARES, Alan. A violência da ausência: invisibilidade negra e indígena nas mídias visuais. In: **Anais do 32º Encontro Anual da Compós**, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-violencia-da-ausencia-invisibilidade-negra-e-indigena-nas-midias-visuais?lang=pt-br>> Acesso em: 09 Dez. 2024.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.